

RECEPÇÃO PORTUGUESA DE MAURICE MAETERLINCK

ACHEGAS BIO-BIBLIOGRÁFICAS

Há pouco, saiu a *Histoire de la Littérature Européenne* sob direcção d'Annick Benoit-Dusauroy e de Guy Fontaine, na Série Educativa de Hachette, em Paris.

Do lado português, colaboraram alguns professores da FLUP e, logicamente, ficou-lhes também entregue a responsabilidade pela versão portuguesa.

Ao folhear esta obra importante, notei o lugar de destaque que Maurice Maeterlinck (Gent, 1862 — Nice, 1949) aí ocupa, com nove referências e seis páginas exclusivas (pp. 739-744). De passagem refira-se que a data de «Serres chaudes» é 1889, sendo 1899 obviamente um erro tipográfico.

Se é verdade que nas últimas décadas Maeterlinck tem sido um escritor bastante esquecido do grande público, não é menos verdade que foi uma figura de proa do «fin de siècle», mais em particular do simbolismo, com grande impacto a nível europeu, e que os seus ensaios e estudos entomológicos tiveram muito êxito no mundo ocidental. E não esqueçamos sucessos como *O Pássaro Azul*, 1908, que continua a ter uma certa graça, como constatámos este inverno aquando da reposição de «The Blue Bird» com Shirley Temple (1940), numa tarde televisiva. Obviamente, numa roupagem actualizada teria mais ainda. Do ficheiro da Biblioteca Nacional de Lisboa consta a existência de uma tradução dactilografada de Ilda Corrêa Leite, s.d., s.l.

Parece que o nosso fim de século está a comemorar o anterior, pois nos últimos anos saíram duas novas versões de *Pelléas et Mélisande*. Texto de Maeterlinck, 1892-93, dedicado a Octave Mirbeau, e música de Debussy, 1902. A primeira foi gravada no Canadá em 1990, sob a direcção de Charles Dutoit. A segunda, foi uma produção da Welsh National Opera sob a direcção de Pierre Boulez, com encenação de Peter Stein.

Simple comemorações ou indícios de que a nossa cultura europeia está outra vez a tender mais para o irracional, o fantástico, o mito, o símbolo, o sentimento?

Seja como for, uma vez desperta a minha curiosidade latente acerca da recepção portuguesa de Maeterlinck, fui desenterrar os dados que já tinha, no intuito de os completar mediante alguma pesquisa suplementar e leituras mais actualizadas.

Estes levam-nos à conclusão que há três fases, aliás nítidas, nesta recepção.

A PRIMEIRA FASE, para a literatura europeia comparada naturalmente a mais interessante, situa-se no último decénio do século XIX e nos primeiros anos do século XX. Paris é então a capital cultural da Europa — e até do mundo — e são poucos os que escapam ao seu magnetismo. A língua francesa é a língua internacional e cultural da época, até ao ponto de se tornar a língua materna da burguesia flamenga, à qual Maeterlinck pertence, e a segunda língua materna dos portugueses cultos. Assim, o contacto com a obra de Maeterlinck por parte dos portugueses interessados foi directo e imediato e o seu maior impacto também, não sendo obviamente de excluir algumas influências mais tardias.

Óscar Lopes, no segundo volume da *História da Literatura Portuguesa*, Lisboa, Estúdios Cor, 1973, remete-nos para Eugénio de Castro, D. João da Câmara (mais em particular o «Pântano» de 1894), Júlio Dantas, João Lúcio, Abel Botelho, António Patrício (mais em particular «O Precoce»), António de Oliveira Soares, Carlos e Roberto Mesquita, Abel Botelho (ao falar de «O Barão de Lavos» de 1891), mas também para Jaime Cortesão, Pascoas, R. Brandão e Pessoa.

Solicitou-se igualmente a colaboração de Maeterlinck para aquela proeza literária efémera que era «*Arte*, revista internacional» (8 números, 1895/96) de Eugénio de Castro e Manuel da Silva Gaio.

Desconheço até que ponto o influxo da obra de Maeterlinck na literatura portuguesa tenha sido alvo de investigação aprofundada. Óscar Lopes: *Entre Fialho e Nemésio. Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea* (Temas portuguesas) Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1987, não traz novidades neste domínio.

Do lado belga, René Poupard dedicou uma atenção especial a Eugénio de Castro, sendo de realçar de entre os seus vários contributos: «L'influence de Villiers de l'Isle-Adam et de Maurice Maeterlinck sur Eugénio de Castro», em *Mémoires et Publications de la Société des Sciences, des Arts et des Lettres du Hainaut*, 80.º vol., Mons, Belgique, 1966, pp. 85 à 107. Existe uma separata na Biblioteca Central da Universidade de Coimbra.

No entanto, alguém interessado em estudar esta época devia lembrar-se de que não se tratava apenas de uma via com sentido único. Não convém descurar a literatura portuguesa no contexto belga da altura, mais em particular nas revistas literárias, como demonstrou Françoise Delsemme: *Les littératures étrangères dans les revues littéraires belges de langue française publiées entre 1885 et 1899. Contribution bibliographique à l'étude du cosmopolitisme littéraire en Belgique*. Tome 1. Commission Belge de Bibliographie, Bruxelles, 1973.

Assinala-se aí o aparecimento das revistas *O Atheneu* e *Arte*. Há uns poucos contributos que vão de uma simples referência a efemérides da vida literária portuguesa, a artigos com um certo peso. Publicam-se, em tradução francesa, alguns poemas de Eugénio de Castro, António Marques, António de Oliveira Soares, Augusto Vilela... Naturalmente não esquecem o banquete das jovens revistas em honra de Eugénio de Castro. Comunica-se a estreia de *Les Vieux* de João da Câmara no «Théâtre du Parc» em Bruxelas em 1898...

A SEGUNDA FASE da recepção portuguesa de Maeterlinck caracteriza-se por uma larga vulgarização em língua portuguesa.

Em Portugal, Cândido de Figueiredo, a pedido de A. M. Teixeira, Livraria Clássica Editora, Lisboa, dedica-se durante a Primeira Guerra Mundial à tradução de quatro dos seus livros. Assim, editam-se *A Vida das Abelhas* e três conjuntos de ensaios, nomeadamente, *A Inteligência das Flores*, *A Morte* e *O Tesoiro dos Humildes*. Os três primeiros livros têm prefácio do tradutor. Apesar do tamanho decrescente e da aparente simplicidade, estes prefácios

VARIA

oferecem-nos vários elementos preciosos. Assim, por exemplo, aprendemos que foi Fialho de Almeida que sugeriu ao dono da Livraria Clássica a edição de *La Vie des Abeilles*. (O mesmo Fialho que troçou do simbolismo nos seus «Gatos»...)

Nas colónias, José F. Ferreira Martins traduz duas peças de teatro de Maeterlinck: *Maria Madalena* em Nova Goa, *Monna Vanna* em Luanda.

O quadro seguinte é bastante revelador:

	1915	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
A Vida das Abelhas	1. ^a	2. ^a	—	3. ^a	—	4. ^a	—	—	—	—	5. ^a
A Inteligência das Flores	—	1. ^a	—	2. ^a	—	—	3. ^a	—	—	4. ^a	—
A Morte	—	—	1. ^a	—	2. ^a	—	—	—	—	3. ^a	—
O Tesoiro dos Humildes	—	—	—	1. ^a	—	2. ^a	3. ^a	—	—	—	—
Maria Madalena	—	1. ^a	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Monna Vanna	—	—	—	—	—	—	—	—	1. ^a	—	—

Esta segunda vaga compreende portanto uma dezena de anos, coincidindo a última edição muito curiosamente com o ano em que Cândido de Figueiredo faleceu. Neste espaço de tempo, apenas o ano de 1922 não indica nenhuma edição ou reedição de uma obra de Maeterlinck. Tendo em mente que o seu potencial número de leitores ficou reduzido, pelo facto de muitos o lerem no original e muitos mais nem sequer saberem ler, podemos falar de um êxito a nível nacional.

No entanto, este sucesso tem a sua lógica:

O escritor Maeterlinck já era célebre a partir da época simbolista e o Prémio Nobel de 1911 tinha-o consagrado definitivamente.

A referida Casa Editora era importante e o tradutor, Cândido de Figueiredo, uma pessoa prestigiada.

A Vida das Abelhas, que abriu o apetite ao público, era de natureza a captar os portugueses, e a menção na capa de que o livro tinha sido traduzido da 62.^a edição francesa constituiu uma excelente publicidade.

Além disso, Maurice Maeterlinck tinha-se colocado ao lado do Rei Alberto e participou com o peso da sua celebridade internacional na resistência contra a invasão e a ocupação alemãs de 1914-1918, guerra em que também Portugal chegou a entrar.

E, por fim, todos sabemos quanto é importante para a sobrevivência de um autor, a Editora assegurar uma certa continuidade, manter o mercado provido, não deixar que as edições se esgotem completamente.

Parece-me haver critérios suficientemente sólidos para situar o início da TERCEIRA FASE da recepção portuguesa de Maeterlinck em 1933 e o fim em 1963.

Depois de um corte drástico, que no entanto não deve admirar quem estiver minimamente familiarizado com a história de Portugal, Maurice Maeterlinck volta a ser traduzido e editado — na estabilidade forçada do Estado Novo.

No referido intervalo, o escritor tinha publicado *La Vie des Termites* (1927) e *La Vie des Fourmis* (1930). Em 1933 saíram na Livraria Clássica Editora: *A Vida das Térmitas* na tradução de Carlos Lobo de Oliveira e *A Vida das Formigas* na tradução de João de Barros, ambos sem prefácio. Como era de esperar, reeditou-se na mesma ocasião *A Vida das Abelhas*.

ROZA HUYLEBROUCK

Quanto ao sucesso deste tríptico, juntámos os dados seguintes:

A Vida das Abelhas: 6.ª ed. 1933, 7.ª em 1937, 8.ª em 1942, 9.ª em 1944, 10.ª em 1950, 11.ª em 1961.

A Vida das Térmitas: 1.ª ed. em 1933, 2.ª em 1943, 3.ª em 1957.

A Vida das Formigas: 1.ª ed. em 1933, 2.ª em 1937, 3.ª em 1944, 4.ª em 1950, 5.ª em 1958.

O número de edições traduz o interesse real do público português: as Abelhas vêm em primeiro lugar (mas tinham a vantagem de um segundo fôlego), as Formigas em segundo, as Térmitas em terceiro.

O fenómeno não escapou à pena de M. Teixeira-Gomes que, no seu *Carnaval Literário*, 2.ª parte, Lisboa, 1939, p. 275, gracejou: A fé de Maeterlinck na inteligência dos animais não tem limites: sobretudo quando se trata de insectos. Uma vez a mulher queria apanhar uma pulga que lhe estava picando na orelha, mas ele opôs-se, observando: «Deixa-a: talvez esteja colhendo elementos para uma nova arte poética.»

Brincadeiras à parte: há algo muito estranho nesta terceira fase da recepção portuguesa. Só os «bichinhos» são editados, fora disso nada de títulos novos ou de reedições de títulos antigos, apesar da boa aceitação que tinham tido na segunda fase. E para cúmulo, numa altura, em que o próprio autor esteve por duas vezes pessoalmente em Portugal, onde foi mimado e celebrado, e apesar das suas amizades com alguns homens fortes do regime, até com o próprio Salazar.

É certo que, a partir dos anos trinta, a Europa sofre de grandes convulsões que vão levar à Segunda Guerra Mundial — o que pôs entraves à circulação e dificultou os contactos. Mas não neste caso particular.

Será que nestes anos difíceis, a Editora jogou pelo seguro, editando só títulos que, logicamente, deviam ter procura no mercado? A sociedade portuguesa era ainda muito rural e foi mantida rural.

Ou terá algo a ver com o próprio regime então em vigor? Auto-censura? Ou mesmo censura? Lembremo-nos que, a propósito do livro *La Mort* (1913), Roma condenou todos os ensaios e a maioria das peças de teatro deste autor.

Se, nesta fase, a obra de Maeterlinck se edita de maneira muito reduzida e segmentada, os seus próprios contactos portugueses são múltiplos e diversificados. Na ligação a Portugal durante este tempo parece ter tido um papel importante o relacionamento dos Ferros com os Maeterlinck, ou talvez mais exactamente: a amizade entre Fernanda de Castro e René Dahon, a jovem esposa de Maeterlinck.

Para esboçar este percurso apoiamo-nos essencialmente em três fontes:

Primeiro, nas escritas mais recentes de Fernanda de Castro, em particular *Ao Fim da Memória: Memórias*, Verbo, dois volumes. O primeiro, que trata dos anos 1906-1939, saiu em 1986; o segundo, que abrange os anos 1939-1987, saiu em 1987. Apesar de a escritora ser dotada de uma memória espantosa, convém rectificar alguns pequenos lapsos.

A nossa segunda fonte são uns poucos documentos do «Fonds Maeterlinck», pertencente à cidade de Gent. Agradecemos aqui às autoridades responsáveis, por nos terem facilitado o acesso.

Finalmente, aproveitamos também várias entradas da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, ligadas ao nosso assunto.

Os Ferros e os Maeterlinck conheceram-se num importante Congresso de Teatro em Itália, nos anos trinta. António Ferro já estava a pensar num congresso de escritores célebres em

VARIA

Portugal e aproveita a ocasião para fazer convites. Maurice Maeterlinck, na casa dos setenta, mostra-se *relutante* mas deixa-se convencer pela sua mulher. Assim os vemos em Portugal em **Junho de 1935**. É naquela altura que Júlio Dantas, obviamente há muito familiarizado com a obra de Maeterlinck, o encontra pela primeira vez pessoalmente. Deixou-nos um pequeno comentário engraçado em *Grandes Figuras*, Lisboa, Tipografia Ideal, 1972, pp. 93-96. Aí lemos também que *Monna Vanna* tinha sido representada em Lisboa pela companhia de Lugné-Poë e Marie-Thérèse Pierat. (Em 1922, portanto na referida segunda fase de recepção).

A seguir, Maeterlinck escreve uma introdução para *Oliveira Salazar: une révolution dans la paix*. Traduction de Fernanda de Castro, Paris, Flammarion, 1937. Até é possível que tenha passado um olhar sobre o texto francês antes da impressão.

No mesmo ano de 1937 reforçam-se os laços aquando da Exposição Internacional de Paris. Na «Casa de Portugal» organiza-se uma série de conferências notáveis: a de Fernand Gregh é apresentada por Maeterlinck.

Entretanto, a situação europeia vai-se agravando de dia para dia e uma guerra generalizada parece iminente. Em 1938 já circulam rumores acerca de uma ida de Maeterlinck para Portugal. Esta concretiza-se no Verão de 1939.

O escritor é então saudado de muitos lados. Uma grande simpatia transparece nas palavras que Augusto de Castro lhe dedicou e que podem ser relidas em *Homens e Paisagens que eu Conheci*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1941. Fernanda de Castro, por seu lado, deixa-lhe uma carta de saudação que é ao mesmo tempo um subtil convite à pena do escritor. Salazar manda-lhe um telegrama, datado de 27 de Julho de 39, que reza: «au moment vous arrivez au Portugal je vous présente mes meilleurs compliments souhaitant vous voir pendant votre séjour.» Um senhor de idade com assinatura pouco legível envia-lhe, já no dia 28 de Julho, umas obras suas, com a sua homenagem e o pedido, delicadamente formulado mas bem claro, de alinhar na propaganda da nacionalidade portuguesa de Cristóvão Colombo. O Conde de Lichtervelde, ministro da Bélgica em Lisboa, endereça-lhe um convite, pedindo, no entanto, que a sua visita seja comunicada com alguns dias de antecedência «afin de pouvoir réunir quelques personnes, malgré la morte-saison qui vient de commencer»...

Ao chegar a Portugal, os Maeterlinck parecem ter-se hospedado no Palácio Hotel no Estoril, passando a seguir para a Quinta da Marinha em Cascais, e mudando-se no Outono para a Avenida António Augusto de Aguiar, 165, Lisboa.

Pouco depois, em Dezembro ao que parece, o escritor é agraciado, pelo presidente Carmona, com a Ordem de Santiago da Espada.

Para Maurice Maeterlinck escrever era como respirar e em circunstâncias algumas deixava de trabalhar. Em Lisboa, *L'Abbé Sétubal*, peça teatral em 3 actos e 5 quadros, foi apresentada a 5 de Março de 1940 para registo de propriedade literária. Fernanda de Castro faz a tradução para português e a peça é representada no Teatro Nacional de D. Maria pela Companhia Rey Colaço e Robles Monteiro — em Abril de 1940, salvo erro.

Mas tudo se precipita quando, em 10 de Maio de 1940, a Bélgica é invadida pelas tropas alemãs. Numa carta de 11 de Maio, o Conde de Lichtervelde recomenda a Maeterlinck «Mr. le Comte de Mafra (Mello Breyner) représentant de l'Exchange Telegraph à Lisbonne. Petit-fils du Comte de Burnay, fondateur de la Banque de ce nom, le Comte de Mafra vous expliquera le but de sa visite qui ne peut que favoriser la propagande belge en ce moment si angoissant pour notre Patrie commune.»

Poucos dias depois, Maeterlinck é alertado por uma carta de Geneviève Druon Gregh, dirigida «aux bons soins de M. António Ferro», para uma emissão de homenagem na Radio-Paris, de que constará «Maurice Maeterlinck et la guerre».

ROZA HUYLEBROUCK

Depois de uma resistência de 18 dias, Leopoldo III capitula — capitulação veementemente reprovada por Maeterlinck que, no entanto, mais tarde suavizará as suas palavras.

Numa carta de 18 de Junho, Louis Piérard, presidente do PEN-Club belga, pede a Maeterlinck que o ajude a conseguir os documentos necessários do governo português, no caso de ter que fugir de França. Não sei se a carta teve efeito, já que aquele Verão, por razões várias, Maeterlinck, a sua mulher e os pais desta, embarcam para os Estados Unidos. Nas palavras de Erich Maria Remarque: «A América era o monte Ararat e o dilúvio ia crescendo sempre.»

Um passo numa carta vibrante de idealismo e patriotismo, que um jovem da família envia a Maeterlinck, ainda retém a nossa atenção. Diz-lhe ter cuidado durante algum tempo de um grupo de crianças órfãs e filhos de prisioneiros, em Vinderhoute, perto de Gent. E acrescenta: «C'est d'ailleurs à l'aide de la croix rouge internationale, du Portugal et de la Suisse que j'ai pu mener à bien mon oeuvre.»

Nos Estados Unidos, já para o fim da guerra, Maeterlinck é retratado por Henrique Medina — provavelmente a instância de sua esposa. Em 1946, aquando da exposição no salão nobre do Teatro de D. Maria em Lisboa, a pintura será adquirida pelo governo para o Museu de Arte Contemporânea. Aliás, o escritor deixou também um rasto na música: pelo menos três dos seus poemas foram musicados por Luís Freitas Branco.

E graças a uma ficha na Biblioteca de Braga, soubemos de um pequeno conto de Maeterlinck, cá publicado em tradução portuguesa: «A arte de ficar jovem», no *Livro das Raparigas*, Antologia organizada por Mariália, 3.ª série, pp. 147-152.

No pós-guerra, os contactos são difíceis e esporádicos mas continuarão — mesmo além da morte de Maeterlinck em 1949.

Na década de cinquenta, a vida na Europa e os contactos culturais internacionais tendem a normalizar-se. Por duas vezes Maeterlinck será tema de conferência, nomeadamente por F. Desonay, professor da Universidade de Liège, e por S. Lilar, a conhecida escritora que faleceu este inverno. Ambos membros da Academia Real de Língua e de Literatura Francesas de Bruxelas:

Fernand Desonay: *Maurice Maeterlinck*, Coimbra, Coimbra Editora, 1955. Este artigo condensa uma conferência pronunciada na Faculdade de Letras de Coimbra, em Dezembro de 1954.

Suzanne Lilar: *Le Théâtre de Maurice Maeterlinck*, Lisboa, Oficinas Gráficas Bertrand, 1958. Conferência pronunciada em 17 de Dezembro de 1957 no Instituto de Altos Estudos da Academia das Ciências em Lisboa.

Em 1959, Fernanda de Castro cria na capital um grupo de educação artística para crianças, ao qual dá o nome de «O Pássaro Azul» — nome que aliás reaparece no imaginário de «A Ilha da Grande Solidão» de 1968.

Por volta de 1962 comemora-se, a nível nacional e internacional, o centenário do nascimento de Maurice Maeterlinck. Desconheço se houve algo de particular em Portugal. No Brasil, onde a obra do escritor tinha tido também muito êxito, registam-se diversas iniciativas. Na Biblioteca dos Prémios Nobel de Literatura publica-se *O Pássaro Azul* na tradução de Carlos Drummond de Andrade. Com estudo introdutivo de François Albert-Buisson e ilustrações de Touchagues. Rio de Janeiro, Ed. Opera Mundi, 1964. O belo livro, do qual existem edições posteriores em praticamente todas as bibliotecas importantes de Portugal, contém uma bibliografia interessante. Todavia, os elementos que dizem respeito a Portugal são poucos e elementares.

VARIA

Em 29 de Julho de 1963, às 22 horas, Fernanda de Castro e os seus amigos organizam um espectáculo privado. No programa daquela noite há três partes, sendo a primeira uma homenagem a Maurice Maeterlinck:

O Escritor e a Sua Obra por António Quadros.

Pelléas e Melisanda, Acto III, cena 2. Leitura por Lima Branca e Norberto Barroca.

Monna Vanna, Acto III, cena 2. Leitura por Maria Germana Tânger e J. C. Ary dos Santos.

O Milagre de Santo António, Acto I, cena 1. Virgínia — Heloísa Cid, Santo António — Alexandre Ribeirinho. Encenação de Fernando Antão.

Parece-nos lícito apontar esta data e este acontecimento como o ponto final da terceira fase da recepção portuguesa de Maeterlinck.

No entanto, existe um epílogo: a *Carta a Renée-Melisanda* e a *Carta a Maurice Maeterlinck* em Fernanda de Castro: *Cartas para Além do Tempo*, prefácio de João Bigotte Chorrão, Europress, 1990. (No livro, a ordem destas duas cartas vem trocada).

Penso ter assim delineado os contornos de três fases na projecção portuguesa do escritor Maurice Maeterlinck. É interessante constatar como estas se coadunam de uma maneira singular com três épocas bem distintas da história de Portugal.

Maio de 1993

Roza Huylebrouck